

Caeiro e o Zen

*Santiago Ure Dibar**

Universidad del Salvador

Instituto de Enseñanza Superior en Lenguas Vivas «Juan Ramón Fernández»
Argentina

O que é o Zen?

Talvez esta seja a pergunta mais difícil de responder, visto que dificilmente o Zen possa ser definido, e que se definido, sua definição se afastaria da lógica. No entanto, antes de começar seria melhor termos uma primeira aproximação. O Zen é uma forma de budismo, a palavra vem do chinês, «Ch'an» que é um certo tipo de meditação. Porém, o Zen não é somente meditação, mas sim «uma experiência», «uma vida». Como todas as formas de budismo, o Zen procura a «iluminação» através da dissolução dos nexos e oposições sujeito-objeto. Mas, esta iluminação não é através da negação pura destes nexos, já que isto seria mais uma maneira de oposição. O Zen pode ser um estado que não é um estado, entender a «realidade» sem uma necessidade da lógica, «entender» sem um sujeito que entende. Isto porque o Zen está além da lógica, o que dificulta a sua compreensão no Ocidente.

Bodhidharma, o monge budista indiano que levou o Ch'an (Zen) à China, expressou:

Uma transmissão especial, fora das escrituras;
Sem depender de palavras ou letras;
Apontando diretamente à mente humana;
Contemplando a sua própria natureza e atingindo o estado de Buda.
(Merton, 2001, p. 24, tradução nossa)

No trecho acima, a palavra «mente» não possui o significado ocidental, mas, conforme o escritor Suzuki, um dos maiores especialistas em Zen, é «uma realidade última que é consciente de si própria e não constitui a sede de nossa consciência empírica» (Suzuki, 2008, p. 11, tradução nossa). Portanto, o

* Profesor de Portugués por el Instituto de Enseñanza Superior en Lenguas Vivas «Juan Ramón Fernández». Correo electrónico: santiagoure@gmail.com

Ideas, II, 2 (2016), pp. 219-226

© Universidad del Salvador. Escuela de Lenguas Modernas. Instituto de Investigación en Lenguas Modernas. ISSN 2469-0899

Zen consiste em uma experiência própria que independe das escrituras, em base a contemplar a própria natureza. Conforme Dumoulin, um padre jesuíta especialista em budismo, o Zen é «um misticismo natural». Mas, segundo Suzuki, o Zen é místico no sentido em que o sol brilha, a flor floresce e de que neste instante escuto os passos de alguém na rua. Ou seja, o Zen não é um conceito místico afastado, um objetivo a ser atingido (como poderia ser interpretado numa primeira leitura do verso de Bodhidharma), mas está presente no quotidiano, em nós (como podemos ver também no verso referido); porém, esta última noção levou a um a fratura dentro do mundo dos monges zen, como veremos a seguir.

Esse momento crucial no mundo zen ocorreu no século VII. Um velho mestre zen, Hung Jen, pediu para seus discípulos escreverem um verso, e aquele que tivesse o maior conhecimento Zen, seria o sucessor. Um discípulo reconhecido pelos colegas, e tido como favorito, escreveu o seguinte verso:

O Corpo é a árvore de Bodhi,¹
a mente é um espelho brilhante.
Com cuidado a limpamos continuamente,
sem deixar que o pó acumule.
(Merton, 2001, p. 27, tradução nossa)

Evidentemente, este verso parece cumprir com todas as «regras» Zen, inclusive com a visão que nós ocidentais possuímos a respeito da religião oriental, evidenciando uma oposição entre o espiritual e o físico, e sendo a iluminação um objetivo a ser atingido através do esforço consciente. Os colegas do autor já o consideravam o sucessor indiscutível do velho e sábio mestre, o sabor da vitória já se sentia na boca deste excelente aluno.

No entanto, um humilde e analfabeto camponês que trabalhava no mosteiro como cozinheiro, elaborou o seguinte verso (que foi escrito com a ajuda de um amigo que possuía o conhecimento caligráfico necessário):

Bodhi não é uma árvore
nem a mente um espelho brilhante
Já que tudo é vazio em essência
onde pode o pó acumular?
(Merton, 2001, p. 28, tradução nossa)

1. Bodhi é a árvore em que Buda atingiu a iluminação.

Este verso causou uma comoção ainda maior do que o outro. E Huineng, o humilde camponês, foi o escolhido para suceder o mestre, tornando-se o sexto patriarca zen.

Mas, por que este verso é tão importante? Principalmente por se afastar da separação entre mente e corpo, que estava presente no verso anterior; criticando a ideia de um trabalho meditativo a ser realizado para atingir um estado determinado. A partir deste verso podemos notar que o Zen não é um estado que possa ser alcançado como um fim, não é o esforço o que permite sentir o Zen, não é a lógica nem a meditação o que leva à iluminação. O próprio verso nos leva a perguntarmos se há vazio, se há pó e o que é a mente. Para a escola de Huineng, o Zen está presente em tudo, há Zen em lavar a louça, Zen na meditação, Zen nos peixes que nadam, Zen no fato de pensarmos que há Zen. Não é a atitude de contemplação o que nos leva ao Zen, porque isto, novamente, seria reduzi-lo; mas sim algo muito mais complexo e simples ao mesmo tempo, o Zen está e é tudo aquilo que nos cerca. Um poeta zen canta: «Que maravilhosamente esquisito e que milagroso é isto! Eu tiro água, carrego lenha» (Suzuki, 2005, p. 106, tradução nossa).

Portanto, o Zen nada tem de extraordinário nem de misterioso. Segundo Suzuki:

Levanto a mão, pego um livro do outro lado da escrivaninha;
escuto as crianças jogando bola do outro lado da minha janela;
vejo as nuvens se deslocando além dos bosques vizinhos: em tudo
isto pratico o Zen, vivo o Zen. Não é mister nenhuma discussão,
nenhuma explicação verbal. (Suzuki, 2005, p. 95, tradução nossa)

Quem é Alberto Caeiro?

Alberto Caeiro da Silva é um dos heterônimos do poeta Fernando Pessoa. Conforme os dados fornecidos pelo próprio poeta, sabemos que Caeiro nasceu a 16 de abril de 1889 em Lisboa. Órfão de pai e mãe, Caeiro foi morar no campo com uma tia idosa e teve somente instrução primária. Apesar desta falta de instrução formal, que de fato considerava um aspecto positivo, pois sentia-se bendito por tudo o que não sabia, Caeiro foi o mestre dos outros heterônimos e inclusive do próprio Fernando Pessoa que o considerava seu mestre.

A poesia de Caeiro se caracteriza pela forte presença do aspecto sensorial, para quem o sentir interessa mais do que o pensar, característica que levada

a um extremo o faz rejeitar qualquer tipo de pensamento metafísico, embora ele mesmo acabasse escrevendo sobre assuntos metafísicos, um paradoxo do qual é consciente. Poderia dizer-se que para ele a realidade é aquilo que vê e sente, um «objetivismo absoluto», tanto é que esse objetivismo também parece influenciá-lo no sentido oposto, quer dizer, também parece sentir o que vê, visto que mostra poucos sentimentos que não estejam relacionados com o presente e com aquilo que descreve; não parecem existir angústia, melancolia ou apegos pessoais. Portanto, sua obra encontra-se longe da característica saudade portuguesa. A falta de apego também se evidencia no seu próprio estilo de vida, sempre humilde. Morreu na cidade de Lisboa em 1915.

Caeiro e o Zen, pontos de contato

Podemos perceber, então, vários pontos de contato entre Alberto Caeiro e o Zen, ainda que, possivelmente, ambos desprezariam este trabalho e seu objetivo. O primeiro ponto de contato é a falta de interesse na metafísica e filosofia, já que, conforme Suzuki, não cabe no Zen a discussão filosófica; e em Caeiro vemos que «a luz do sol vale mais que os pensamentos / De todos os filósofos e de todos os poetas» (Pessoa, 1984, p. 44). Portanto, levando isto a um nível maior, vemos que o foco principal não é uma experiência metafísica separada da «realidade», mas percebe-se um sentido unificador, tanto para Caeiro quanto para o Zen. Se para o Zen não há um sentido em procurar um objetivo se afastando da realidade; analogamente, para Caeiro, não existe a possibilidade de procurar um Deus separado das coisas, visto que Deus e as coisas podem ser o mesmo. Poderíamos pensar que nos dois casos há um conceito de unicidade semelhante.

Esta visão nos leva a outro ponto de contato, que é a valorização da experiência própria antes do que a transmissão de conhecimentos. No caso de Caeiro, isto torna-se evidente na importância dos sentimentos antes do que dos pensamentos, no Zen a literatura sagrada é muitas vezes considerada lixo. Este desprezo pela literatura sagrada, pela noção de um objeto sacralizado, também é compartilhada por Caeiro. Se no Zen existe a frase «se você encontrar o Buda, mate-o», em Caeiro aparece um Cristo criança levada, que diz que Deus é «um velho estúpido e doente» (Pessoa, 1984). Ora, isto quer dizer que o Zen nega a Buda e que Caeiro nega a Cristo? Não, mas que, possivelmente, mostrem que o importante é não sacralizar estas figuras. Há, neste aspecto, um ponto de contato com Fernando Pessoa ortônimo, que escreveu em *Liberdade*:

Ler é maçada,
estudar é nada.
O sol doira sem literatura.
O rio corre bem ou mal,
sem edição original.
E a brisa, essa, de tão naturalmente matinal
como tem tempo, não tem pressa...
Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.
(...)
E mais do que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças,
Nem consta que tivesse biblioteca...
(Pessoa, 2002, p. 90)

No trecho acima, percebe-se um sentido parecido, um certo desprezo pelos livros, pelo conhecimento «formal» e pelo estudo. A importância é Jesus, embora não como figura sacralizada, mas salientando o fato de ele não ter possuído uma biblioteca, quer dizer, sua mensagem não se baseava em um conhecimento formal adquirido, mas, como o verso já referido de Bodhidharma, «uma transmissão fora das escrituras, sem depender de palavra ou letra». O Zen diria: reverencie a camélia que agora está florindo. De uma maneira parecida, Caeiro escreve «Mas se Deus é as flores e as árvores / E os montes e sol e o luar, / Então acredito nele». Novamente, percebemos que há um ponto em comum, para o Budismo Zen, o Zen encontra-se em tudo, incluídos os aspectos cotidianos; para Caeiro, Deus e flores e outros objetos podem ser a mesma coisa. No entanto, nenhum dos dois afirma ou nega a existência de Deus, chegando quase a não se interessar nesse tipo de questão, ou inclusive a dizer que não sabem a respeito disso, como Caeiro «O que penso eu do Mundo? / Sei lá o que penso eu do Mundo» ou «Não acredito em Deus porque nunca o vi» ou «(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?)» (Pessoa, 1984). E, pelo lado do Zen, conforme uma história, um monge perguntou a Huineng, o sexto patriarca:

- Quem herdou o espírito do quinto patriarca?
- Quem entende de budismo, respondeu Huineng
- Então foi você que herdou, disse o monge.
- Não, não fui eu, respondeu Huineng.
- Por que não?" perguntou o monge.

- Porque eu não entendo de budismo, disse Huineng.
(Suzuki, 2005, p. 95, tradução nossa)

Não é ao acaso o aparecimento frequente de Huineng neste trabalho sobre Zen e Caeiro. Quando lemos a biografia de Caeiro e reparamos no fato dele ser um camponês quase analfabeto, porém dono de uma sabedoria enorme, é quase impossível não lembrar do já citado Huineng, o sexto patriarca Zen, que era um camponês analfabeto e trabalhava na cozinha do mosteiro. Mais incrível ainda é compararmos as semelhanças entre o verso que ele escreveu e alguns trechos de poesias de Caeiro. A seguir o verso de Huineng, que já foi referido acima:

Bodhi não é uma árvore
nem a mente um espelho brilhante
Já que tudo é vazio em essência
onde pode o pó acumular?
(Merton, 2001, p. 27, tradução nossa)

Estes versos podem bem ser comparados com o seguinte trecho de Caeiro:

Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do Mundo?
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).
(Pessoa, 1984, p. 42)

Note-se a semelhança entre a janela que não tem cortinas e a mente que não é um espelho brilhante, entre o «não pensar» e o vazio de tudo. Certamente, o não pensar é um conceito muito próximo do Zen da escola de Huineng, para quem o verdadeiro Zen consiste em viver no meio das formas e dos seres sem se obcecar por nenhum deles, e aqueles que conhecem um mundo objetivo e não sentem a sua mente perturbada, estão no autêntico Zen. Portanto, Alberto Caeiro, sem dúvida, poderia ser entendido como alguém que cumpre os requisitos desta religião oriental.

Não sabemos se Pessoa teve acesso a algum tipo de material a respeito do budismo ou do Zen, embora tudo pareça indicar que não. Curiosamente, os primeiros ocidentais em entrar em contato com o budismo zen e descrevê-lo foram os jesuítas portugueses que estiveram no Japão. Por conseguinte, a possibilidade de Pessoa ter sabido alguma coisa do Zen não é nula. Contudo,

o importante é percebermos os enormes pontos de contato entre Caeiro e o Budismo Zen, quer Pessoa o tenha conhecido, quer não.

Do que temos certeza é de que a «iluminação» de Caeiro foi evidenciada por Pessoa, porque não é por acaso que Caeiro era o seu mestre (e também dos heterônimos). A proximidade da obra de Caeiro ao aspecto «religioso» é declarada pelo próprio Pessoa, que escreveu a respeito do seu mestre:

Por uma intuição sobre-humana, como aquelas que fundam religiões, porém a que não assenta o título de religiosa, por isso que repugna toda a religião e toda a metafísica, este homem descreveu [??] o mundo sem pensar nele, e criou um conceito do universo que não contém uma interpretação. (Pessoa, 1996)

Então, Caeiro parecia estar perto do budismo, não só do budismo zen, mas em questões muito mais amplas:

... o grande Libertador, que nos restituiu, cantando, ao nada luminoso que somos, que nos arrancou à morte e à vida, deixando-nos entre as simples coisas, que nada conhecem, em seu decurso, de viver nem de morrer; que nos livrou da esperança e da desesperança, para que nos não consolemos sem razão nem nos entristeçamos sem causa; convivas com ele, sem pensar, da necessidade objectiva do Universo. (Pessoa, 1996)

Sem dúvida, há muitos pontos de contato entre o Budismo Zen e Caeiro, embora haja aspectos que possam ser diferentes. No entanto, não deixa de ser relevante e curiosa a existência de tantas semelhanças. Podemos pensar, que se no século XV os portugueses «descobriram» o Oriente, no século XX, houve um novo contato com o Oriente, através das coincidências entre Caeiro e o Zen, uma aproximação não em nível físico, mas em nível mais profundo e espiritual. Como conclusão, respeitando o estilo tanto do Zen quanto de Caeiro, poderíamos afirmar:

Caeiro é Zen.

Mas Caeiro não é Zen.

Referências

- Cavalcanti Filho, J. (2011). *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*. Rio de Janeiro: Record.
- Merton, T. (2001). *Místicos y Maestros Zen*. Buenos Aires: Lumen.
- Pessoa, F. (1984). *Poemas de Alberto Caeiro. Edición Bilingüe*. Madrid: Visor Libros.
- Pessoa, F. (2002). *Cancioneiro: Ciberfil Literatura Digital*.
- Alberto Caeiro - *multipessoa.net*. (s.d.). Recuperado 5 novembro 2015, de <http://multipessoa.net/typographia/labirinto/multipessoa-alberto-caeiro-1.pdf>
- Suzuki, D. (2005). *Introducción al Budismo Zen*. Buenos Aires: Kier.
- Suzuki, D. (2008). *Ensayos sobre Budismo Zen, 3º serie*. Buenos Aires: Kier.